

Arthur Conan Doyle
Tradução de Guillon Ribeiro

A NOVA
REVELAÇÃO



Sumário

Nota à 7ª edição.....	7
Traços biográficos do autor	9
Dedicatória	51
Prefácio	53
1 As pesquisas	55
2 A Revelação	77
3 A vida futura.....	87
4 Problemas e limitações	101
5 Documentos suplementares	117
5.1 A outra vida	117
5.2 Escrita automática.....	120
5.3 O abrigo de Cheriton.....	122

1

As pesquisas

A questão das investigações psíquicas é uma das que mais me têm feito pensar e, entre todas, aquela sobre a qual mais tardei em formar opinião.

De quando em quando, à medida que avançamos na vida, certos incidentes mínimos ocorrem que nos forçam a reconhecer que o tempo voa, que primeiro a juventude e depois a idade da madureza fogem precipitadamente. É o que ultimamente me sucedeu. Na excelente revista *Light*, há uma coluna consagrada a recordar os acontecimentos que, uma geração atrás, isto é, há trinta anos, se verificaram na data correspondente à em que nos achamos. Recentemente, percorria eu essa coluna quando de súbito deparei surpreendido com o meu nome e reli em letra de forma uma carta que escrevera em 1887, relatando interessante experiência verificada no curso de uma sessão espírita.¹¹

¹¹ N.E.: Na edição original, consta apenas *seance*. Embora seja termo tradicionalmente interpretado como “sessão espírita”, cumpre observar que não se trata de uma sessão organizada conforme os princípios da Codificação Kardequiana (ver nota de rodapé nº 6, p. 27).

Isso prova que data de longo tempo o meu interesse por esse assunto e prova também que não formei apressadamente sobre ele a minha opinião, visto que só há um ano ou dois me declarei satisfeito com a evidência.

Ao ver-me inserindo aqui, agora, a narrativa de algumas de minhas experiências e a indicação de dificuldades que se me entulharam, meus leitores não irão supor, assim o espero, que o faço por egotismo, mas sim por ser o melhor meio de assinalar pontos que provavelmente se apresentarão a qualquer investigador. Depois de haver transposto esse campo, poderei considerar algo de natureza mais geral e impessoal.

Ao concluir, em 1882, o curso de Medicina, achei-me, como sucede à maioria dos médicos jovens, um materialista convencido, relativamente ao nosso destino pessoal. Jamais deixara de ser fervoroso deísta, por me parecer que ainda ninguém respondera a esta pergunta que, numa noite estrelada, Napoleão dirigiu a alguns professores ateus, quando em marcha para o Egito: “Quem foi, senhores, que fez estas estrelas?” Porque dizer que o universo resultou da ação de leis imutáveis equivale apenas a afastar mais para trás a questão, dando lugar a uma nova pergunta: “Quem é o autor dessas leis?”

Eu não acreditava, certamente, num Deus antropomórfico, mas cria então, como agora, em uma Força inteligente, presidindo a todas as operações da natureza, força tão grande e tão infinitamente complexa que meu cérebro limitado não pôde nunca ir além do reconhecimento da sua existência. Considerava igualmente o bem e o mal como fatos tão óbvios que não reclamavam nenhuma revelação divina.

Sempre, porém, que encarava a questão de saber se as nossas insignificantes personalidades sobreviveriam após a morte, afigurava-se-me que todas as analogias da natureza se pronunciavam contra essa sobrevivência. Consumida a vela, a luz se apaga.

Quando a centelha elétrica se parte, cessa a corrente. A dissolução do corpo marca o fim da matéria. Cada um, ao impulso do seu egoísmo, pode julgar-se com direito a sobreviver; mas, quem quer que atente, diremos, num tratante de alta ou baixa hierarquia, será capaz de encontrar razão plausível a favor da sobrevivência de tal personalidade? Isso parecia ilusão e, assim, estava convencido de que a morte realmente punha fim a tudo, se bem não achasse que este fato fosse de molde a afetar os nossos deveres para com a humanidade, durante a nossa transitória existência.

Essa a minha maneira de pensar, quando os fenômenos espirituais me chamaram a atenção. Sempre considerara esse assunto a maior tolice da Terra e, como tivera conhecimento das fraudes de alguns médiuns, perguntava a mim mesmo de que modo podia um homem sensato crer em semelhantes coisas.

Acontecendo, entretanto, que alguns amigos meus se interessavam pela questão, tomei parte com eles em sessões de mesas girantes, no curso das quais obtivemos mensagens conexas.

Devo, todavia, confessar que o único efeito que em meu espírito produziram foi o de me tornarem um tanto suspeitoso de meus amigos. Foram mensagens quase sempre longas, soletradas por meio de movimentos da mesa e impossível era que representassem obra do acaso. Alguém, certamente, movia a mesa. Supus fossem meus amigos e eles, provavelmente, pensavam fosse eu.

Isto me perturbava e afligia, porque não os podia ter na conta de pessoas capazes de um embuste e não podia compreender a transmissão das mensagens senão por meio de uma consciente pressão exercida sobre a mesa.

Por essa época — seria em 1886 — me caiu nas mãos um livro intitulado *As reminiscências do juiz Edmunds*. O autor era membro da Suprema Corte dos Estados Unidos e homem de grande reputação. Na sua obra, narrava, minuciosamente, como, morta sua esposa, pudera durante anos comunicar-se com ela.

Li esse livro com interesse, mas também com absoluto ceticismo.

Para mim, aquilo era apenas exemplo da possibilidade de existir um ponto fraco na mente de um homem de caráter firme e prático, uma espécie de reação, por assim dizer, contra os fatos positivos com que lidava na sua vida cotidiana. Que espírito seria esse de que ele falava?

Suponhamos que um homem, num acidente, fracture a caixa craniana. Seu caráter pode mudar completamente. De uma natureza elevada, pode tornar-se de outra muito baixa. Do mesmo modo, sob a influência do álcool, do ópio ou de qualquer droga semelhante, o espírito de um indivíduo pode mudar inteiramente. Tudo isso me demonstrava que o espírito depende da matéria. Tal a minha forma de raciocinar naquela época. Eu não percebia então que não era o espírito que, em tais casos, se modificava e sim o corpo que lhe servia para exercer sua atividade. Ninguém judiciosamente invocará como argumento contra a existência de um músico a circunstância de não produzir seu violino senão sons desagradáveis, por se haver estragado.

Contudo, muito estimulada fora a minha curiosidade, de sorte que continuei a ler todos os livros que me vinham às mãos, referentes ao assunto. Causou-me espanto notar que muitos homens eminentes, cujos nomes figuravam na vanguarda da ciência, se achavam inteiramente convencidos de que o espírito independe da matéria e lhe sobrevive. Enquanto considerei o Espiritualismo como uma ilusão vulgar dos ignorantes, pude tratá-lo com desprezo. Desde que, porém, o vi amparado por sábios como Crookes, que eu sabia ser o maior químico da Inglaterra, por Wallace, o rival de Darwin, e por Flammarion, o mais conhecido dos astrônomos, já me não foi possível desprezá-lo.

Fácil verdadeiramente era atirar para o lado os livros desses homens, com as suas minuciosas investigações e

amadurecidas conclusões, e dizer: “Bem! Há em seus cérebros um ponto fraco”. Porém, muito satisfeito deve ficar consigo mesmo um homem se não vê chegar o dia de inquirir se o ponto fraco não está no seu próprio cérebro.

Por algum tempo ainda me mantive no meu ceticismo, considerando que muitos homens notáveis, como o próprio Darwin, Huxley, Tindall e Herbert Spencer zombavam desse novo ramo de conhecimento. Mas, desde que soube que o desdém da parte deles chegara ao extremo de não quererem ao menos examiná-lo; que Spencer declarara repetidamente ter-se decidido contra ele baseado em razões *a priori*;¹² que Huxley dissera não o interessar o assunto, fui forçado a admitir que, por maiores que fossem esses homens como cientistas, seu modo de proceder a tal respeito era dogmático e nada científico, ao passo que os que estudavam os fenômenos e procuravam apreender as leis que os regem, esses seguiam o caminho que nos há conduzido à realização de todos os progressos do saber humano. Tendo chegado tão longe o meu raciocínio, a minha posição de cético já não era tão firme como antes.

Como reforço a esse raciocínio, tive as minhas próprias experiências.

Note-se que eu trabalhava sem médium, o que muito se assemelha a um astrônomo que não use de telescópio. Nenhuma faculdade psíquica possuo e ainda menos os que comigo colaboravam.

Entre nós apenas conseguíamos reunir força magnética — ou o que assim se denomina — em quantidade suficiente para obter da mesa suas comunicações suspeitas e, muitas vezes, estúpidas.

Ainda conservo notas dessas reuniões e cópias de pelo menos algumas de tais mensagens, que nem sempre eram de todo estúpidas. Recordo-me, por exemplo, de que, de uma feita, tendo, em

¹² N.E.: Expressão latina que significa “anterior à experiência ou independente dela” (*Dicionário de Filosofia de Cambridge*).

busca de provas, perguntado quantas moedas trazia nos bolsos, a mesa respondeu: “Estamos aqui para instruir e elevar as almas, não para adivinhações”. E acrescentou: “O que queremos inculcar é um estado de alma religioso e não de crítica”. Creio que ninguém achará seja isto uma mensagem pueril. Por outro lado, perseguia-me sempre o temor de uma pressão involuntária das mãos dos assistentes.

A esse tempo, um incidente se produziu que me perturbou e me desgostou muito. Encontrando-nos certa noite em excelentes condições, obtivéramos bom número de movimentos que pareciam independentes, em absoluto, da nossa ação. Recebêramos longas e minuciosas mensagens provindas, conforme nelas se dizia, de um Espírito que nos deu seu nome e declarou ter sido agente comercial e haver perdido a vida recentemente no incêndio de um teatro em Exeter. Fornecendo pormenores tão precisos, pediu-nos escrevêssemos à sua família, que vivia, segundo nos disse, num lugar chamado Slattenmere, no Condado de Cumberland. Assim fiz, mas o Correio me devolveu a carta, por ser desconhecido o lugar de seu destino. Ainda estou para saber se naquela sessão fomos enganados ou se nos equivocamos ao tomarmos o endereço. Seja como for, o fato ocorreu qual o estamos narrando. Foi para mim uma decepção tal que diminuiu de muito, durante algum tempo, o meu interesse pelo assunto.

Era meu intuito estudar uma questão séria. Logo, porém, que ela começou a dar lugar a gracejos cuidadosamente arranjados, pareceu-me ser tempo de parar. Se no mundo existe um lugar chamado Slattenmere, mesmo agora, muito me alegraria sabê-lo.

Clinicava eu então em Southsea, onde residia o general Drayson, homem de caráter muito distinto e um dos pioneiros do Espiritualismo nesse país. Confiei-lhe o embaraço em que me via e ele me ouviu com grande paciência. Não ligou importância às minhas críticas acerca da inutilidade de algumas daquelas mensagens e da absoluta falsidade de outras.

“A verdade fundamental ainda não a apreendestes” disse-me. “Essa verdade consiste em que cada espírito encarnado passa para o outro mundo exatamente como é neste, sem transformação alguma. O mundo que habitamos está cheio de fracos e néscios e o outro mundo também. Nenhuma necessidade tendes de vos envolverdes com os de lá, como não tendes a de vos misturardes com os daqui. Cada um escolhe seus companheiros. Mas, suponde que aqui na Terra um homem, tendo vivido sempre só em sua casa, não convivendo com pessoa alguma, afinal se lembrasse de chegar à janela para ver em que espécie de lugar se achava. Que poderia acontecer? Que alguns garotos malcriados lhe dissessem grosserias. O que ele não lograria era conhecer coisa alguma da sabedoria ou da grandeza do mundo. Sairia da janela crente de encontrar-se num lugar ordinaríssimo. Foi precisamente o que vos sucedeu. Numa reunião heterogênea, sem objetivo definido, metestes a cabeça para observar o outro mundo e destes com uma turba de garotos malcriados. Prossegui e tratei de obter coisa melhor.”

Assim falou o general Drayson e, conquanto a sua explicação me não houvesse satisfeito no momento, acabei por compreender que ele asperamente me aproximara da verdade.

Tais foram os meus primeiros passos no Espiritualismo. Continuava cético, mas já era um investigador, e quando ouvia qualquer crítico da escola antiga dizer que ali nada havia a explorar, que tudo era embuste, ou que um prestidigitador bastaria para tudo desmascarar, já não tinha dúvida de que insensatez era dizer isso. Verdade é que as provas por mim reunidas até aquele momento ainda não haviam bastado para me convencerem.

Entretanto, das minhas contínuas leituras, tirei a conclusão de que outros já tinham aprofundado muito a questão e reconheci que os testemunhos em favor do Espiritualismo eram tão poderosos que nenhum outro movimento religioso, no mundo, poderia apresentar que se lhes comparassem. Isso não provava que

ele fosse a verdade, mas pelo menos provava que devia ser tratada com respeito e não atirada para o lado.

Tomemos como exemplo um só fato, que Wallace qualificou, com razão, de “milagre moderno”. Escolho-o por ser dos mais incríveis. Refiro-me à façanha de D. D. Home — que, seja dito de passagem, não era, como geralmente se supõe, um aventureiro pago e sim homem de boa família — atirando-se de uma janela a outra, a uma altura de 70 pés¹³ do solo.

Não pude acreditar. Informado, porém, de que três testemunhas oculares atestavam o fato e de que essas testemunhas eram lorde Dunraven, lorde Lindsay e o capitão Wynne, todos homens honrados e de grande reputação, os quais mais tarde assentiram em afirmar o sucedido sob juramento, fui obrigado a admitir que a evidência, nesse caso, era mais direta do que com relação a qualquer dos longínquos acontecimentos que todo o mundo conveio em aceitar por verdadeiros.

Continuei sempre, durante todos esses anos, a fazer sessões de mesas falantes, cujos resultados foram, muitas vezes, nulos; de outras, insignificantes e, de algumas, surpreendentes. Ainda guardo as notas dessas sessões e vou reunir aqui os resultados de uma em que foram bem definidos, dando-me, acerca da vida de além-túmulo, informes tão opostos às minhas ideias a tal respeito que, então, mais me divertiram do que edificaram.

Tão intimamente concordantes, entretanto, os acho agora com as revelações de *Raymond*¹⁴ e com outras mais recentes, que muito diversamente os considero. Sei que todas essas narrativas da vida no Além diferem nas particularidades — como diferem, creio, muitas das que se fazem da vida terrena, mas, em geral, há entre elas grande semelhança. No caso que vou relatar, o

¹³ N.E.: Medida equivalente a cerca de 21 metros.

¹⁴ N.E.: Referência ao livro de *Sir Oliver Lodge*, assim intitulado.

que de semelhante havia nas informações recebidas longe estava do conceito que, sobre aquela vida, formávamos as duas senhoras que comigo compunham o círculo das minhas sessões e eu.

Dois foram os espíritos que se comunicaram conosco e nos transmitiram mensagens. Do primeiro, a mesa soletrou o nome: “Doroteia Postlethwaite”, nome que de todo desconhecíamos.

Disse que morrera havia cinco anos, em Melbourne, com a idade de 16 anos; que era então feliz; que trabalhava e que frequentara a mesma escola que uma das senhoras presentes. A meu pedido, a senhora indicada retirou as mãos da mesa e citou uma série de nomes. Ao ser pronunciado o nome exato da diretora da escola, a mesa se inclinou, o que nos pareceu uma prova. O Espírito disse mais: que a esfera em que vivia circundava a terra; que conhecia os planetas; que habita Marte uma raça muito mais adiantada do que a nossa e que os canais ali existentes são artificiais; que na esfera onde se achava não há males corporais, mas apenas ansiedade mental; que os espíritos eram governados e tomavam alimentos; que fora católica e ainda o era. Nem por isso, entretanto, se via mais bem tratada do que os protestantes.

Disse também que entre os da sua esfera havia budistas e muçulmanos, mas que todos tinham igual tratamento. Nunca vira o Cristo, nem dele sabia mais do que quando estava na Terra; porém acreditava na sua influência. Os espíritos, referiu, moravam e morriam na esfera em que se encontravam antes de passarem a outra; eram-lhes proporcionados prazeres como, por exemplo, o da música. Estava numa região de luz e alegria.

Acrescentou que os espíritos não eram nem ricos nem pobres e que as condições gerais da existência eram muitíssimo mais venturosas do que as do viver terreno.

Esse espírito nos deu boa-noite e logo uma outra influência, muito mais enérgica, se apoderou da mesa, que começou a mover-se violentamente. Em resposta às minhas perguntas, disse

ser o espírito de um homem, a quem chamarei Dodd, que fora famoso jogador de críquete e que comigo tivera uma séria conversação no Cairo, antes de subir o Nilo, onde encontrara a morte na expedição Dongolesa. Devo observar que, na progressão de meus estudos, já nos achamos no ano de 1896.

Nenhuma das duas senhoras comigo sentadas à volta da mesa conhecia Dodd. Comecei a interrogá-lo exatamente como se o tivera sentado defronte de mim e ele a me responder com presteza e decisão por vezes respostas tão em oposição ao que eu esperava, que nenhuma suspeita poderia haver de que o meu pensamento o influenciava. Disse-nos ser feliz e não desejar voltar à Terra. Fora livre-pensador, mas daí nenhum sofrimento lhe adviera na outra vida. Reconhecia, contudo, que a prece é muito salutar porque nos põe em contato com o mundo espiritual. Se houvesseorado mais, teria chegado a maior altura naquele mundo.

Cumpre-me assinalar que isto me pareceu em contradição com o que ele antes declarara (que nenhum sofrimento lhe adviera do fato de ter sido livre-pensador), acrescentando que muitos, sem serem livres-pensadores, pouco se lembram de orar.

Voltemos a Dodd. Morrera sem sofrimento. Recordou a morte de Polwhele, jovem oficial, que antes dele desencarnara. Ele, Dodd, quando morreu, recebeu as boas-vindas de muitos espíritos que vieram ao seu encontro. Entre estes, porém, não vira Polwhele. Fora informado da queda de Dongola, mas não estivera presente em espírito ao banquete que depois se realizou no Cairo. Lembrou-me da nossa conversação nessa cidade. Disse ter que trabalhar e que possuía conhecimentos muito mais amplos do que quando na vida terrena. Informou que a duração da vida lá, onde se achava, era mais curta do que na Terra. Não vira o general Gordon, nem qualquer outro Espírito famoso. Os espíritos viviam em famílias e comunidades. Os esposos não se encontravam forçosamente. Reuniam-se de novo os que se amavam.

Fiz esse resumo de uma comunicação para mostrar de que gênero eram as que obtínhamos, se bem que a amostra apresentada seja das mais favoráveis, quer em extensão, quer em coerência.

Serve, entretanto, para demonstrar que não é justo dizer, como fazem muitos críticos, que só se conseguem mensagens vazias de senso. Nestas, nenhuma insensatez se nota, a menos que assim qualifiquemos tudo que não se adapte às nossas ideias preconcebidas.

Mas, por outro lado, que provas possuímos da veracidade daquelas afirmações? Não tendo meio de comprová-las, elas me deixaram simplesmente desorientado. Agora, entretanto, que uma experiência mais larga me permitiu verificar que informações da mesma natureza foram dadas a muitas pessoas, desconhecidas umas das outras e de países diferentes, creio que a concordância dos testemunhos constitui, até certo ponto, como em todos os casos de investigação, um argumento a favor da veracidade de tais informes. Naquela época, não me era possível harmonizar semelhante concepção da vida futura com o meu sistema de filosofia. Limitei-me, por isso, a anotá-la e passei adiante.

Continuei a ler muito sobre o assunto e pude apreciar cada vez mais a infinidade dos testemunhos existentes e quão metuculosos tinham sido em suas experiências os que os davam. Isso me impressionava muito mais do que os limitados fenômenos que lograva obter nas minhas sessões. Então, ou pouco depois, li uma obra do Sr. Jacolliot sobre os fenômenos de ocultismo na Índia. Jacolliot era presidente do tribunal da colônia francesa de Chandernagor. Espírito de feitio muito jurídico, nutria prevenções contra o Espiritualismo. Efetuou uma série de experiências com faquires,¹⁵ que nele depositavam confiança pela simpatia

¹⁵ N.E.: Do árabe *faqir* (pobreza), designa religiosos voltados para práticas mortificantes do corpo como forma de adquirir controle espiritual sobre os próprios sentidos (*Dicionário histórico de religiões*).

que inspirava e porque lhes falava no idioma deles. No seu livro, Jacolliot descreve as múltiplas precauções que tomou para evitar toda espécie de fraude.

Resumindo a sua longa narrativa, direi que entre os faquires se lhe depararam todos os fenômenos da mais adiantada mediunidade europeia; tudo, por exemplo, o que Home realizara.

Observou a levitação do corpo, a imunidade contra o fogo, o movimento de objetos à distância, rápido crescimento de plantas e o levantamento de mesas. Explicando a produção desses fenômenos, diziam os faquires que quem os operava eram os *pitris*,¹⁶ ou espíritos, sendo que a única diferença notada entre aqueles processos e os nossos parecia consistir em que lá faziam maior uso da evocação direta. Pretendem os faquires que tais poderes lhes foram outorgados desde tempos imemoriais e remontavam aos caldeus.

Tudo isso me causou enorme impressão, já que os faquires chegavam aos mesmos resultados que nós, sem que se lhes pudesse imputar os embustes, tão frequentes na América, ou a vulgaridade atual, como se costumava fazer amiúde com relação aos fenômenos semelhantes que se produziam na Europa.

Também na mesma época fui influenciado pelo relatório da Dialectical Society, relatório muito antigo, datado de 1869. É um trabalho convincente e, embora tenha sido ridiculizado em unísono pelos jornais ignorantes e materialistas daquele tempo, constitui um documento de grande valor.

A Dialectical Society se compunha de certo número de pessoas distintas e imparciais, desejosas de investigar os fenômenos físicos do Espiritualismo. O relatório a que aludo faz uma exposição minuciosa das experiências que realizam e das precauções que

¹⁶ N. E.: Palavra do canarês (língua dravídica) que significa “pais”, “avós”, “antepassados”. Num sentido mais específico, são os espíritos dos antepassados divinizados, os espíritos dos mortos (*A Kannada-English Dictionary*, 1894).

adotaram contra as fraudes. Atentando nas provas de que ele dá conta, ninguém compreenderá de que modo seus autores teriam podido chegar a uma conclusão diversa da que proclamaram, isto é: que os fenômenos eram sem dúvida alguma autênticos e indicavam a existência de leis e forças que a ciência ainda não explorara.

Há no caso um fato singular a ser notado e é que, se a conclusão fora contrária ao Espiritualismo, o relatório teria sido saudado como o golpe de morte no movimento espiritualista; mas porque, em vez disso, assegurou a realidade dos fenômenos, cobriram-no de ridículo. O mesmo, aliás, sucedeu a muitas outras investigações, desde as que se fizeram em Hydesville, no ano de 1848, e a que se verificou quando o professor Hare, de Filadélfia, se atirou, como o apóstolo Paulo outrora, contra a verdade e teve que se curvar diante dela.

Por volta de 1891, eu me fiz membro da Society for Psychical Research, o que me facultou ler todos os seus relatos. Muito deve o mundo à infatigável diligência dessa Sociedade e à sobriedade de suas exposições, embora eu reconheça que estas são, às vezes, de impacientar e que, no propósito de evitarem o cunho de maravilhosas, desanimam o público, levando-o a desinteressar-se de um esplêndido trabalho e de tirar dele proveito. A terminologia meio científica de que usam também desnorteia o leitor comum.

Assim é que, depois da leitura daqueles relatórios, se pode dizer o que em certa ocasião me disse um caçador americano das Montanhas Rochosas com referência a um membro de uma universidade a quem ele escoltara durante toda uma estação de caça: “Era tão sábio que se não conseguia compreender o que dizia”. A despeito, porém, dessas pequenas esquisitices, todos os que, na obscuridade, hão buscado a luz a têm encontrado nos metódicos trabalhos dessa Sociedade, cuja influência foi um dos fatores da atual orientação de minhas ideias. Além dessa, entretanto, outra influência se fez sentir profundamente em mim.

Inteirara-me até ali das admiráveis experiências realizadas pelos grandes investigadores, mas ainda não descobrira da parte deles qualquer esforço para elaborar um sistema que as abrangesse e contivesse todas. Foi então que li a obra monumental de Myers, *Human Personality (A personalidade humana)*, de cujas formidáveis raízes se há de erguer toda uma árvore de conhecimentos.

Myers não pôde apresentar nenhuma fórmula que envolvesse todos os fenômenos ditos “espirituais”. Contudo, discutindo a ação, a que deu o nome de telepatia, da mente sobre a mente, a expôs e estabeleceu de modo tão claro e completo, apoiando-se em numerosos exemplos, que, para todos, exceto para os que deliberadamente cerram os olhos à evidência, aquela ação passou a figurar entre os fatos científicos.

Foi um grande passo dado. Se a mente podia atuar, a distância, sobre a mente, é que existia no homem poderes de todo independentes da matéria, tal como a temos compreendido sempre.

O terreno fugia debaixo dos pés do materialista e a minha posição de outrora fora destroçada. Eu dissera que, consumida a vela, a chama se apagava. Surgiu-me uma chama muito afastada da vela e agindo por si mesma. A analogia, portanto, era evidentemente falsa. Se a mente, o espírito, a inteligência do homem podia operar a distância do corpo, é que era coisa independente deste. Por que então não poderia continuar a existir, mesmo depois de haver perecido o corpo? E não só essas impressões se produziam, a distância, no caso dos que tinham morrido, como também o mesmo fato provava que aquilo donde elas provinham revestia as aparências da pessoa morta, demonstrando que eram transmitidas por alguma coisa exatamente semelhante ao corpo, mas que obrava independente deste e que lhe sobrevivia.

Ininterrupta se apresentava a cadeia das provas, desde o simples caso de leitura do pensamento, num extremo, até a manifestação mesma do espírito sem o corpo, no outro extremo.

As frases se sucediam sem hiato. Esta circunstância me pareceu conter os primeiros elementos de um sistema científico, de uma classificação do que até ali não passara de mera coleção de fatos confusos e mais ou menos discordantes uns dos outros.

Por aquela mesma época, tive ensejo de participar de interessante experiência como um dos três comissionados pela *Psychical Society* para passarem a noite numa casa assombrada. Era um caso de *poltergeist*,¹⁷ um desses casos em que, durante anos, se ouvem barulhos estranhos, pancadas inexplicáveis, muito parecido, em suma, como caso clássico da família de John Wesley, em Epworth, no ano de 1762, ou ainda com o da família Fox, em Hydesville, perto de Rochester, em 1848, e que foi o ponto de partida do Moderno Espiritualismo.

Nada de extraordinário assinalou a nossa viagem, que, todavia, não foi de todo improfícua. Na primeira noite, nenhum incidente. No decorrer da segunda, ouvimos formidáveis barulhos semelhantes aos que se produzem batendo-se numa mesa com uma bengala. Nós nos cercamos, é claro, de todas as precauções, mas não pudemos descobrir a causa do ruído. Contudo, não ousaríamos, no momento, jurar que alguém não estivesse habilmente a divertir-se conosco. E o caso permaneceu assim.

Decorridos alguns anos, encontrei um membro da família que residia naquela casa e por ele me foi dito que, depois da nossa visita, descobriram-se no jardim os ossos de uma criança, enterrada evidentemente desde muito tempo. Não de convir que seja este um fato digno de nota. Raras são as casas assombradas e não menos raras devem ser, suponho, as que nos seus jardins tenham restos humanos enterrados. Reunir numa casa essas duas circunstâncias excepcionais, sem dúvida, constitui argumento em prol da

¹⁷ N.E.: Do alemão *polter*, "fazer barulho", e *geist*, "espírito". Espírito perturbador, que se compraz em manifestações ruidosas e desordenadas. De acordo com Manuel Quintão, seriam os elementais de que falam teosofistas e ocultistas, o que corresponde, no âmbito da Doutrina Espírita, às mônadas (princípios, pequenos organismos) espirituais em plano inferior de evolução.

autenticidade do fenômeno. É interessante lembrar que também no caso da família Fox se falou da descoberta de ossos enterrados na cava, provando que um assassinio ali se cometera, sem que entretanto se tivesse podido verificar a hipótese de um crime recente.

Não duvido de que, se a família Wesley houvesse conseguido conversar com seus perseguidores, também teria conhecido o motivo da perseguição. Isto quase parece indicar que, quando uma vida é cortada violenta e prematuramente, certa quantidade de energia vital não consumida permanece em condições de se manifestar de modo estranho e maléfico. Mais tarde observei outro fenômeno do mesmo gênero que descreverei no fim deste trabalho.¹⁸

Desde então, até se iniciar a guerra,¹⁹ continuei a consagrar as horas de lazer de uma existência muito laboriosa ao estudo atento desse assunto. Assisti a uma série de sessões que deram surpreendentes resultados, inclusive várias materializações visíveis numa meia-obscuridade. Como, porém, pouco depois o médium foi surpreendido em fraude, deixei de considerar probantes aquelas sessões. Penso, entretanto, não ser lícita a presunção de que, pelo fato de alguns médiuns, como Eusapia Palladino, se tornarem culpados de fraude, quando lhes sucede falharem as faculdades que possuem, de outras vezes não produzam fenômenos cuja autenticidade se possa provar.

A mediunidade, nas suas formas menos elevadas, é um dom puramente físico, que nenhuma relação tem com a moralidade; em muitos casos é intermitente e não pode ser governada à vontade. Pelo menos duas vezes Eusapia foi apanhada a cometer fraudes grosseiras e estúpidas, ao passo que de outras muitas sofreu demorados exames, feitos em condições de excluírem toda suspeita de embuste, por comissões científicas compostas dos homens mais eminentes da França, da Itália e da Inglaterra.

¹⁸ N.E.: Vide item 5.3 (O abrigo de Cheriton).

¹⁹ N.E.: O autor se refere à Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Não obstante, prefiro riscar do rol das minhas observações todas as experiências realizadas com um médium desacreditado e tenho para mim que os fenômenos físicos produzidos no escuro necessariamente perdem muito do seu valor, a menos que sejam acompanhados de comunicações inteiramente comprobatórias.

Pretendem os que costumam criticar-nos que, se excluirmos os médiuns que se tornaram suspeitos, teremos que abrir mão da maior parte das provas em que nos apoiamos. Absolutamente não é assim. Eu, até então, ainda não travara relações com um médium profissional e, no entanto, já reunira algumas provas. O mais notável de todos os médiuns, D. D. Home, produziu fenômenos à plena luz do dia e estava sempre disposto a submeter-se a todas as verificações e jamais contra ele se pôde levantar qualquer acusação de fraude. E, como esse, muitos outros.

Cumpre ainda ponderar que, quando um médium público serve de reclamo aos que andam à busca de notoriedade, aos detetives amadores e aos repórteres ávidos de notícias de sensação; quando intervém na produção de fenômenos obscuros e inelucidáveis, tendo que se defender perante júris e juízes que, de ordinário, nada conhecem do que influencia as manifestações mediúnicas, seria prodigioso que lograsse escapar de um escândalo ocasional.

Também importa reconhecer que o sistema, em geral adotado presentemente, de pagar-se ao médium conforme os resultados obtidos, nada recebendo ele se nada produzir, é o pior possível.

Somente quando se assegurar ao médium profissional um honorário determinado, independente dos resultados que com ele se consigam, estará afastada definitivamente a tentação de substituir por pretensos fenômenos os que não se produzam.

Tenho assim esboçado a evolução de minhas ideias até quando rebentou a guerra. Creio poder pretender se reconheça que ela foi bem cautelosa e que nenhum traço apresenta dessa credulidade de que nos fazem carga os nossos adversários. Foi mesmo por

demais demorada, pois que me sinto culpado de lentidão em atirar à balança da verdade a pouca influência de que porventura goze. Sem a guerra, provavelmente houvera passado o resto de minha vida qual simples investigador dos problemas psíquicos, demonstrando uma atitude de simpático diletantismo para com esse assunto, como se se tratasse de alguma coisa impessoal, como se se tratasse, por exemplo, da existência da Atlântida ou da controvérsia baconiana.

Mas, veio a guerra e, reafervorando-nos as almas, nos obrigou a olhar mais intimamente para as nossas crenças, a fim de lhes renovarmos o valor. Em face de um mundo que agonizava, ouvindo narrar diariamente como morria a flor da nossa raça, nos primeiros albores da sua juventude, observando à nossa volta as esposas e as mães sem fazerem ideia clara do destino que teriam tido os seres a quem amavam, de pronto se me afigurou que o assunto com que desde tanto tempo eu brincava não se resumia apenas no estudo de uma força que escapava aos preceitos da ciência, que nele havia alguma coisa verdadeiramente tremenda; o desabar de muralhas entre dois mundos, uma mensagem inegável vinda diretamente do Além, um brado de esperança e de encaminhamento para o gênero humano, na hora da sua mais viva aflição.

O lado objetivo da questão deixou de me interessar. Convencido, afinal, da sua veracidade, não havia mais por que prosseguir. Seu lado religioso apresentava importância infinitamente maior. A campanha do telefone é coisa em si mesmo pueril, mas pode dar-se que seja a chamada para uma comunicação de vital interesse. Afigurou-se-me que todos esses fenômenos, grandes e pequenos, eram campanhas de telefones que, sem significação em si mesmas, bradavam aos homens: “Levantai vos! Alerta! Atendei! Estes sinais são para vós outros! Eles vos previnem da mensagem que Deus vos quer enviar!”. O que tem valor real é a mensagem, não os sinais. Pareceu-me que estava em via de ser dada ao mundo uma Nova Revelação, embora ainda se achasse num ponto que

podemos comparar àquela de João Batista em relação ao Cristo e sem que ninguém possa saber se chegaremos algum dia a recebê-la com maior precisão e clareza. Na minha opinião, os fenômenos psíquicos, verificados até à evidência por todos os que hão tido o cuidado de estudá-los, em si nada valem; o justo valor deles está em que servem de base, dando-lhe uma realidade objetiva, a um imenso corpo de doutrina que há de modificar profundamente as nossas anteriores ideias religiosas e que, quando bem compreendido e assimilado, fará da religião alguma coisa de muito real, não mais simples matéria de fé, porém de experimentação e de fato.

Para este lado da questão é que me voltarei agora, aditando, todavia, ao que acabo de dizer das minhas experiências pessoais, que, desde que a guerra começou, tenho tido algumas oportunidades excepcionais de ver confirmado o conceito que já formara quanto à verdade dos fatos gerais sobre os quais se apoiam minhas opiniões.

Tais oportunidades nasceram da circunstância de haver uma dama das nossas relações, Senhorita L. S., demonstrado possuir a faculdade de escrever automaticamente. A meu ver, de todas as formas de mediunidade, esta é a que precisa ser provada mais rigorosamente, pois que mais facilmente se presta a ocasionar não tanto uma decepção qualquer, mas a sua própria, o que é infinitamente mais sutil e perigoso. É ela mesma quem escreve? Ou há, como afirma, um poder que a dirige, conforme afirmava o cronista dos israelitas, na Bíblia?

No caso da Senhorita L. S., não há negar que se reconheceram inexatas algumas das mensagens por ela transmitidas. Especialmente em matéria de tempo não podiam ser levadas em conta. Doutro lado, o número das que se reconheceram exatas excedia a tudo o que qualquer conjectura ou coincidência pudesse explicar. Assim, quando o Lusitânia²⁰ foi afundado e os jornais do

²⁰ N.E.: Navio transatlântico britânico torpedeado e afundado pelo submarino alemão U-20 em 1915, fato que contribuiu para o ingresso dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial.

dia anunciaram que, tanto quanto se sabia, não houvera perda de vida, o médium escreveu imediatamente: “É terrível, terrível; e terá grande influência na guerra”. Com efeito, isso foi o que mais fortemente impeliu a América a entrar no grande conflito. A comunicação, pois, fora exata, a ambos os respeitos.

Doutra vez, a Senhorita L. S. predisse o recebimento de um telegrama importante em determinado dia e indicou o nome do expedidor, a pessoa de quem menos se poderia esperá-lo. Inegável se tornou a realidade da sua inspiração, conquanto fossem notórios os equívocos havidos. Foi como se houvéssemos recebido excelente comunicação por meio de um aparelho telefônico imperfeito.

Um outro incidente ocorrido no princípio da guerra se me fixou na memória. Em certa cidade de província morreu uma senhora por quem eu me interessava. Era uma doente crônica e ao lado de seu leito mortuário encontraram morfina, o que deu motivo a um inquérito judiciário, que a nenhum resultado chegou. Passados oito dias, realizei uma sessão com o Sr. Vout Peters. Depois de me dizer muitas coisas vagas e nada concludentes, declarou ele de súbito: “Está aqui uma senhora amparada por outra mais idosa. Persiste em dizer ‘morfina’. Já o repetiu três vezes. Seu cérebro se acha obscurecido. Ela não o faz conscientemente”.

Estas foram, quase que textualmente, suas palavras. A telepatia nada teve que ver com essa comunicação, porquanto muitos outros eram os meus pensamentos e não contava com semelhante comunicado.

O movimento espiritualista há de adquirir muita intensidade, não só por efeito das experiências pessoais, mas também devido à admirável literatura a que tem dado nascimento nestes últimos anos. Se, contudo, não existissem mais livros espiritualistas do que os cinco que apareceram recentemente, esses bastariam, em minha opinião, para convencer dos fatos qualquer investigador

imparcial. Os livros a que me refiro são: *Raymond*, do professor Lodge; *Psychical Investigations (Investigações psíquicas)*, de Arthur Hill; *Reality of Psychical Phenomena (Realidade dos fenômenos psíquicos)*, do professor Crawford; *Threshold of the Unseen (Limiar do invisível)*, do professor Barrett; e *Ear of Dionysius (Ouvido de Dionísio)*, de Gerald Balfour.

Antes de abordar a questão de uma nova revelação religiosa, de explicar como é obtida e em que consiste, quisera dizer uma palavra sobre outro assunto. Da parte dos nossos adversários tem havido sempre duas maneiras de atacar-nos. Uma delas se reduz à afirmação de que são falsos os fatos em que nos baseamos. A essa já atendi. A outra é a de que pisamos terreno proibido, do qual nos deveríamos afastar imediatamente. Com relação a mim, esta objeção jamais teve significação alguma, pois que parti de um ponto relativamente materialista. Desejo, entretanto, submeter uma ou duas considerações aos que possam ser por ela atingidos.

A principal dessas considerações é que Deus não nos há concedido faculdade alguma de que nos não devamos servir nunca, em nenhuma circunstância. O simples fato de a possuímos é prova de que estamos na obrigação de estudá-la e desenvolvê-la.

Verdade é que, se perdermos o critério da proporção e da razão, poderemos ser levados a abusar dessa faculdade, como de qualquer outra. Mas, repito, o simples fato de a possuímos constitui forte razão de que nos é lícito e mesmo obrigatório usá-la.

Não esqueçamos também que a pecha de “conhecimentos ilícitos”, apoiada em textos mais ou menos apropriados, se lançou sempre contra todos os progressos do saber humano. Lançou-se contra Galvani e a eletricidade. Lançou-se contra Darwin, que certamente houvera sido condenado à fogueira, se vivera alguns séculos antes. Até contra Simpson, por ter empregado o clorofórmio em casos de parto, ela foi lançada, sob o pretexto de que a Bíblia diz: “Parireis com dor”. Não há dúvida que um

argumento de que se tem usado tantas vezes e que tantas vezes tem sido abandonado já não pode ser tomado a sério.

Todavia, àqueles para quem o ponto de vista teológico constitui uma pedra de tropeço, eu recomendaria a leitura de dois livrinhos, escritos ambos por clérigos. O primeiro, do pastor Fielding Ould, se intitula *Is Spiritualism of the Devil? (O espiritualismo é do diabo?)*. O outro tem por autor o pastor Arthur Chamber e por título *Our Self After Death (Nós mesmos depois da morte)*. Posso também recomendar os escritos do pastor Charles Tweedale sobre essa matéria. Acrescentarei que, quando comecei a tornar públicas minhas ideias acerca dessa questão, uma das primeiras cartas de felicitações que recebi foi do hoje falecido arcediácono Wilberforce.

Teólogos há que não se limitam a fazer oposição ao Espiritualismo unicamente como doutrina; que vão mesmo ao ponto de dizer que os fenômenos e as comunicações provêm dos demônios, que se fazem passar pelos nossos mortos, ou por instrutores celestes. Não se pode admitir que os que emitem semelhantes opiniões tenham experimentado alguma vez pessoalmente os efeitos consoladores e verdadeiramente elevados que tais comunicações produzem nos que as recebem. Ruskin deixou registrado que a sua convicção acerca da vida futura lhe viera do Espiritualismo, embora acrescentando, com certo ilogismo e muita ingratidão, que, tendo alcançado o que queria, nada mais tinha que ver com isso.

Considerável, no entanto, é o número — *quorum pars parva sum*²¹ — dos que, sem reserva alguma, podem declarar que passaram do materialismo à crença na vida futura, com tudo quanto essa crença implica, apenas estudando o assunto. Se isso é obra do diabo, será forçoso confessar que o diabo é um obreiro muito inábil, pois que os resultados que consegue são diametralmente opostos aos que se deve crer que ele deseje.

²¹ N.E.: Expressão latina extraída de *Eneida*, de Virgílio, e que se aplica a eventos em que se tomou pequena parte.